

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA
EDUCAÇÃO BÁSICA

Verônica Silva Simões

**OS MENINOS E AS MENINAS GOSTAM DAS MESMAS COISAS?
A REPRESENTAÇÃO DE MASCULINO E FEMININO E SUA
INFLUÊNCIA NA ESCOLHA DE BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS
DAS CRIANÇAS PEQUENAS**

Belo Horizonte

2015

Verônica Silva Simões

**OS MENINOS E AS MENINAS GOSTAM DAS MESMAS COISAS?
A REPRESENTAÇÃO DE MASCULINO E FEMININO E SUA
INFLUÊNCIA NA ESCOLHA DE BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS
DAS CRIANÇAS PEQUENAS**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Diversidade, Educação, Relações Étnico-raciais e de Gênero, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Paulo Henrique de Queiroz Nogueira

Belo Horizonte

2015

Verônica Silva Simões

**OS MENINOS E AS MENINAS GOSTAM DAS MESMAS COISAS?
A REPRESENTAÇÃO DE MASCULINO E FEMININO E SUA
INFLUÊNCIA NA ESCOLHA DE BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS
DAS CRIANÇAS PEQUENAS**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Diversidade, Educação, Relações Étnico-raciais e de Gênero, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Paulo Henrique de Queiroz Nogueira

Aprovada em 9 de maio de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Paulo Henrique de Queiroz Nogueira – Faculdade de Educação da UFMG

André Geraldo Ribeiro Diniz – PUC MINAS

RESUMO

Pensar o gênero em crianças tão pequenas parece ser uma tarefa impossível, *visto que se trata de seres inocentes*, mas na verdade não é assim. Desde que nascemos somos orientados pelo meio social e cultural a ter posturas, comportamentos e escolhas de acordo com o nosso sexo e a identidade de gênero a ele atribuído. E essas separações se expressam nas brincadeiras infantis, nas permissões e proibições que são destinadas às crianças conforme a adequação atribuída ao brincar, às brincadeiras e aos brinquedos.

Neste trabalho abordaremos a representação dos gêneros e suas influências nos modos de brincar e nas escolhas de brinquedos e brincadeiras por crianças de 3/4 anos da turma do Sapo Cuidadoso na Escola Municipal de Educação Infantil Míriam Brandão, regional Venda Nova.

Como alguns comportamentos são esperados e desejados tanto nos meninos quanto nas meninas, foram propostas atividades em que as crianças pudessem brincar sem se preocupar se elas eram atividades ditas para meninos ou meninas, o que importava naquele momento eram a diversão e a aprendizagem, permitindo, assim, que deslocamentos de gêneros pudessem ocorrer entre as crianças sem embaraços.

Palavras-chave: Gênero. Crianças de 3/4 anos. Meninos e meninas. Brinquedos e brincadeiras.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	CONTEXTUALIZANDO OS ESPAÇOS DE ESTUDO	8
2.1	A Escola Municipal de Educação Infantil Míriam Brandão.....	8
2.2	A turma do Sapo Cuidadoso	10
3	JUSTIFICATIVA.....	13
4	OBJETO	16
4.1	Objetivo geral:	16
4.2	Objetivos específicos:.....	16
5	O BRINCAR, O BRINQUEDO E A BRINCADEIRA INFANTIL.....	17
6	QUESTÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	19
7	METODOLOGIA	22
8	CRONOGRAMA.....	24
9	AÇÕES E ANÁLISE DO PROJETO	25
10	CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
11	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	43

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho foi realizado visando à aprovação no curso de especialização em formação de educadores para a educação básica e, também, para fazer uma análise crítica da minha prática pedagógica.

Em 2002 estudei no IEMG – Instituto de Educação de Minas Gerais – um curso pós-médio para formação de professores da educação infantil com duração de dois anos. No final de 2003 a PBH – Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, sob a gestão do então prefeito Fernando Pimentel, criou, com a lei 8679/03, o cargo de *educador infantil* e as *Unidades Municipais de Educação Infantil* (UMEIS) e abriu concurso para professores atuarem na educação infantil.

Fiz o concurso e fui aprovada, mas fiquei numa colocação muito longe das vagas pretendidas. Em 2007 recebi um telegrama da PBH convocando minha presença para entrega de documentos, títulos e exames.

Após todo esse processo, comecei a trabalhar em uma UMEI - Unidade Municipal de Educação Infantil. Nesse momento resolvi fazer vestibular para o curso de pedagogia e fui aprovada na UEMG. Em agosto de 2008 iniciava o curso superior no período da manhã e trabalhava na UMEI à tarde.

Tive oportunidade de participar de alguns encontros oferecidos pela prefeitura para formação de professores, alguns destes deram origem às proposições curriculares para a educação infantil da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte.

Na primeira UMEI em que fui lotada, trabalhei com crianças de 0 a 2 anos e de 3 e 4 anos. São idades muito distintas. Várias mudanças são perceptíveis de 0 a 2 anos, no que diz respeito ao desenvolvimento corporal como o andar e o falar. De 3 a 4 anos há uma maior participação social da criança, a descoberta do *eu* no mundo e do outro, por exemplo. É muito gratificante ver tudo isso acontecer, quando se tem um olhar atento.

Concluí meu curso superior em junho de 2012 e tive como tema de TCC “*A educação em espaços não escolares: o museu como espaço de formação*”, que aponta o museu como espaço de ações educativas, valorizando a mediação como ferramenta de ensino-aprendizagem, desenvolvendo a percepção e a atenção como forma de estímulo para a aquisição da cidadania cultural e do conhecimento acerca da interação museu-escola.

Como gosto muito de atividades culturais, me interesso por cursos que proporcionem conhecimentos sobre o tema. Particpei do projeto - Música na Escola Regular - do CMI-UFMG em parceria com a PBH para formação de professores da rede e foi muito bom. Esperamos que este também se torne uma pós-graduação, quem sabe.

Atualmente trabalho em dois turnos como professora para a educação infantil, pela manhã na UMEI Venda Nova e à tarde na Escola Municipal de Educação Infantil Míriam Brandão, ambas da regional Venda Nova.

A possibilidade de fazer uma pós-graduação aos sábados na UFMG e estudar a diversidade e suas relações me fez querer voltar para a escola agora como aluna. Várias situações de discriminação e segregação na escola me chamam a atenção e me inquietam, como por exemplo, por que somente os cabelos “bons” eram lavados e penteados na UMEI? Será que os outros cabelos não estavam sujos, suados e despenteados? Por que, ao organizar espaços de brincadeiras, algumas colegas sempre elegiam cantos para meninos e outros para meninas? As crianças não podem ficar juntas, escolher do que querem brincar, experimentar trocas de brinquedos e brincadeiras? Essas e outras questões me levaram a pensar o porquê das diferenças e da separação dos brinquedos e brincadeiras entre meninos e meninas na escola.

Para tanto, organizei atividades que permitissem às crianças da turma experimentarem e vivenciarem brinquedos e brincadeiras que até então eram definidas por elas como sendo apenas de menino ou de menina. Com a proposta de desnaturalizar essa ideia e sendo este um dos objetivos, também estabeleci como objetivos a troca de papéis nas brincadeiras contando com a participação de todas as crianças envolvidas; assim como identificar, expressar e respeitar as suas preferências e a dos colegas.

2 CONTEXTUALIZANDO OS ESPAÇOS DE ESTUDO

2.1 A Escola Municipal de Educação Infantil Míriam Brandão

Localizada no bairro Serra Verde, próxima à cidade administrativa do estado de Minas Gerais, a Escola Municipal de Educação Infantil Míriam Brandão recebe cerca de 67% de crianças do bairro, 17% do bairro vizinho Minas Caixa, e 16% dos bairros do entorno. Com toda essa diversidade a escola acredita que:

O planejamento dos cuidados e da vida cotidiana na escola inicia-se pelo conhecimento da criança e suas peculiaridades, que se faz pelo levantamento de dados com a família no ato matrícula e por meio de constantes diálogos entre familiares, professores, coordenação e direção.

A pluralidade cultural, que caracteriza a população brasileira, marca, também a instituição infantil. O trabalho com a diversidade e o convívio com a diferença possibilitam a ampliação de horizontes para o professor e para a criança. Nesse sentido, a escola, por intermédio de seus profissionais, desenvolve a capacidade de ouvir, observar e aprender com as famílias.

As trocas recíprocas e o suporte mútuo são a tônica do relacionamento. Os profissionais da escola partilham com os pais conhecimento sobre o desenvolvimento infantil e informações relevantes da criança utilizados como canal de comunicação regular.

Projeto Político Pedagógico – Escola Municipal Míriam Brandão, marco situacional, (p.6) 2011.

O corpo docente é composto 100% por professoras, 96% destas graduadas, 76% pós-graduadas, algumas mestres e uma doutoranda. A média de idade das professoras é de 44 anos, o que revela a maturidade do corpo docente, uma vez que essa faixa etária tende a caracterizar-se como período em que se busca a afirmação e a estabilidade profissional.

Atualmente a escola conta com os seguintes espaços físicos: recepção com a secretaria e direção; sala para as professoras; sala da coordenação pedagógica; 11 salas de aula para as crianças com boa ventilação, iluminação e visão para o ambiente externo, com mobiliário e equipamentos adequados para as idades; sala de informática equipada com computadores para as crianças; refeitório, instalações e equipamentos para o preparo de alimentos, que atende às exigências de nutrição, saúde, higiene, segurança e distribuição da merenda; instalações sanitárias completas, suficientes e próprias para uso das crianças e para uso dos adultos; área livre para movimentação das crianças com espaço privilegiado em contato com a natureza, árvores raras, área para plantio de horta e jardins; espaço para chuveirada e banho de sol; quadra coberta com pequena arquibancada para múltiplas atividades; teatro de arena; biblioteca com acervo rico em literatura infantil que atende às crianças e à comunidade

oferecendo material atualizado tais como jornais, revistas e outras tecnologias avançadas; área de lazer equipada com brinquedos que proporcionam diversão e prazer com segurança e sala de vídeo com arquibancada.

Ao entrar na escola percebe-se um clima de total cooperação para o trabalho com as crianças, todos se envolvem, desde o porteiro, que as recebe com muito carinho e respeito às meninas da limpeza, cantineiras, auxiliares de biblioteca, auxiliares de apoio à inclusão, coordenadoras, professoras e direção. Talvez, o fato dos funcionários serem moradores do bairro e já trabalharem na escola há muitos anos facilite no entrosamento com as crianças, pois, muitos já se conhecem. Sempre há um funcionário da escola pelos corredores ou nos banheiros que auxiliam as crianças e professoras no que for preciso e o fazem com boa vontade e carinho. Isso tudo torna o trabalho mais leve, prazeroso, o ambiente fica tranquilo, seguro e sossegado apesar de todo o barulho de uma escola de educação infantil.

Algumas datas importantes para o crescimento da escola:

Em 1992 inicia-se o funcionamento da escola como anexo da Escola Municipal José Maria Alkimim, mas em 1993 desvincula-se da Escola Municipal José Maria Alkimim e passa a se chamar Jardim Municipal do Bairro Serra Verde. Em 1994 o Jardim Municipal do Bairro Serra Verde passou a funcionar como Jardim Municipal Míriam Brandão. Em 1998 foi implantada a biblioteca com organização do espaço físico para a mesma e do acervo. Chegam os auxiliares de biblioteca para os dois turnos. Em 1999 foi realizada a 1ª Feira do Livro com a presença de diversos escritores. Neste ano foi feita a escolha do patrono da biblioteca através de eleição com alunos e funcionários, sendo escolhida a escritora Therezinha Casasanta. Aconteceu também a inauguração da brinquedoteca. Em 2000 houve a alteração na faixa etária no ciclo de educação infantil passando a ser de 2,8 anos a 5,8 anos. O fato suscitou uma reflexão sobre a prática pedagógica e a reorganização na estrutura física da escola. Em 2004 foi feita a reenturmação dos alunos das turmas de 5 anos, que passou a contar com 25 alunos por turma. Já em 2005 o calendário da Educação Infantil foi alterado através de uma resolução da SMED, ampliando o atendimento dos alunos para os meses de Janeiro e Julho. Neste mesmo ano, após discussões e pesquisa com a comunidade escolar, a SMED revogou a resolução e foi mantido o mesmo calendário do Ensino Fundamental. Chegam às escolas de Educação Infantil os educadores, nomeados através de concurso específico para esta função. No ano seguinte, 2006, foi construída a rampa para deficientes na escola (acessibilidade). Nesse mesmo ano foi preparada uma sala com computadores para

acesso das crianças ao projeto de informática. Em 2007 a UMEI Céu Azul foi incorporada à escola. Chegada do Playground para o parquinho.

Hoje, a escola atende a 460 crianças de 2,8 anos a 5,8 anos, ou seja, o 2º ciclo da educação infantil na modalidade regular com turmas em turno parcial, manhã e tarde. Seu quadro é composto por quarenta e dois funcionários concursados ligados diretamente à administração da Prefeitura de Belo Horizonte, entre eles estão professoras, auxiliares de secretaria, sendo um do sexo masculino, auxiliares de biblioteca e uma gestora da caixa escolar; e vinte e dois funcionários vinculados à Caixa Escolar– 4 porteiros do sexo masculino, 1 artífice do sexo masculino, 6 cantineiras, 7 faxineiras e 4 auxiliares de apoio à inclusão, estas todas do sexo feminino. Temos ainda um funcionário do sexo masculino cedido pela Associação Mineira de Assistência Social (AMAS) que presta serviço como agente de informática.

2.2 A turma do Sapo Cuidadoso

As turmas de 3/4 anos, carinhosamente chamadas de maternal pelos funcionários, que iniciaram o ano de 2014 na Escola Municipal de Educação Infantil Míriam Brandão apresentavam idades que variavam de 2,8 anos a 3,8 anos.

Com a proposta de trabalho institucional para o ano de 2014 na escola, O CUIDAR – cuidar de si, do outro, dos materiais, dos espaços, da família e etc., as professoras pensaram como poderiam trabalhar, visto que eram crianças bem pequenas e como dariam nome para as turmas. Como a escola tem um ótimo espaço com jardins, hortas e uma variedade de árvores frutíferas, resolveram trabalhar os bichos de jardim com os pequenos que, geralmente, tem uma grande curiosidade por esses seres e agregar a eles valores como o cuidar, o carinho, o companheirismo, a amizade, o respeito e a responsabilidade. Assim, as professoras teriam chance de apresentar o novo espaço para as crianças, ajudá-las a se sentir à vontade no novo ambiente, orientá-las sobre a convivência com novas pessoas e ainda teriam a oportunidade de descobrir junto com as crianças alguns bichinhos de jardim, seu habitat, sua função, dentre outras curiosidades.

Em sala, as crianças da turma foram questionadas sobre o que tem no jardim, se sabem que espaço é este e elas responderam que *é onde têm flores, plantas*. Foram indagadas se há tem algum bicho que vive no jardim? E elas responderam que sim: *borboleta, joaninha, barata, lagartixa, sapo, cobra*, formiga e a minhoca, estes dois últimos acrescentados pela professora. A ideia é que elas escolhessem um bichinho para criar o nome da turma. A partir

daí andamos pela escola procurando em cada canto algum bichinho, cantamos músicas, ouvimos histórias e assistimos a vídeos que remetessem ao tema.

Depois da leitura do livro *Bichos do Jardim* MICHAELIS e TUAN (1998) conversamos sobre a história. Elas falaram dos bichinhos que já viram, inventavam outras histórias e até notaram um calango no muro próximo à sala de aula, o que me preocupou, pois não queria uma turma de nome calango. Após o bate papo, expliquei como seria a escolha e elegemos os bichos que entrariam na enquete para votação. Ficou decidido da seguinte maneira:

Quadro 1: Eleição do mascote da turma

Bichos	Votos
Joaninha	3
Borboleta	2
Gafanhoto	2
Lagartixa	2
Sapo	7
Minhoca	2
Formiga	2

E ganhou o sapo. Mas o que esse bicho faz no jardim para agregarmos a ele um valor? O sapo cuida do espaço, o mantém livre de insetos, equilibra.

Daí surgiu o Sapo Cuidadoso.

A turma do Sapo Cuidadoso, como é conhecida na escola, é composta por 20 crianças, sendo 9 meninas e 11 meninos, uma verdadeira festa.

A turma demonstra grande interesse por livros, por ouvir, contar e inventar histórias. Gosta de brincar no parquinho, esse é o momento mais esperado da tarde, assim como ir para a quadra e andar no velotrol. Brincam também de carrinhos, bonecas, de casinha como toda criança dessa faixa etária que tem oportunidade de fazê-lo, no entanto, demonstram

dificuldade em aceitar que uma menina brinque de carrinho ou goste do incrível Hulk, por exemplo.

As crianças estão numa fase de mudança em que aprendem a dividir espaços, colegas, brinquedos, atenção e opinião, ainda que com alguns conflitos, o que pede a intervenção constante das professoras.

Na hora das refeições geralmente aceitam tudo que é oferecido na escola, alguns já chegam querendo saber *que horas é o almoço*, talvez por não se alimentarem direito para vir à escola.

Gostam de conversar, cantar, desenhar, manusear massa de modelar e ouvir músicas.

Durante a rodinha gostam de expor suas ideias e fazem comentários sobre tudo.

São crianças participativas, curiosas, organizadas na maioria das vezes e bem independentes, demonstrando ter carinho e cuidado umas pelas outras.

De acordo com as anamneses, ficha individual da criança, que fica na pasta de cada uma, preenchidas no 1º semestre de 2014, com o auxílio das famílias, 75% das crianças da turma moram com os pais e 15% moram com a mãe e outros familiares. Destes, alguns encontram os pais nos fins de semana ou feriados. Das 20 crianças da sala, 6 não tem irmãos e 3 aguardam a chegada de um irmão ou irmã, pois as mães estão grávidas.

Quase todas as crianças são trazidas e levadas pelas famílias, o que facilita o contato direto e uma proximidade com as mesmas. Poucas crianças são trazidas e levadas pelo escolar, o que dificulta o relacionamento com estas famílias. Apesar de usarmos as agendas para comunicação entre família e escola, quase não temos retorno, poucas são as famílias que respondem ou enviam um recado via agenda. Há as que ainda preferem ligar ou mandar um papel avulso com recados.

Temos um sapo de pelúcia, nosso mascote, que recebeu o nome de Gabriel, também votado e escolhido pelas crianças. Este sapo foi levado pelas crianças para passar o final de semana em suas casas e em nenhum momento percebi um incômodo ou rejeição por parte delas. Elas o adotaram mesmo como nossa mascote e disseram, quando indagados, que era um brinquedo que toda criança poderia brincar.

Entretanto, percebi que frequentemente os meninos tinham uma dificuldade em dividir amigos, espaços e brinquedos com as meninas, o que causou grandes discussões e a proposta deste trabalho.

3 JUSTIFICATIVA

Quando propomos um projeto na escola, o ideal é que ele seja criado a partir de uma situação-problema e que tenha intenções de resolvê-la, amenizá-la ou mesmo trazê-la à tona para que as outras pessoas que convivem no mesmo recinto também percebam o que está acontecendo. Mas sobre o que falar no plano de ação?

A convivência com as crianças deu a resposta necessária naquele momento. Ao acompanhar e observar a turma de 3/4 anos, da qual sou professora na Escola Municipal de Educação Infantil Míriam Brandão, durante sua rotina diária como; filas, banheiros, brincadeiras, biblioteca e nas rodas de conversa, ouvi falas como:

“Esse brinquedo é de homem.” (Johnata falando com uma das meninas que brincava de carrinho).

“Fica assim não, menino não chora.” (uma criança consolando um menino no período de adaptação e enxugando suas lágrimas).

“Meu filho não faz xixi, ele mijá.” (um pai que procurou a coordenação da escola para conversar).

“Eu tomei do Hulk para ficar forte.” (uma menina ao tomar a vacina de vitamina A que foi aplicada na escola imitando o Incrível Hulk fazendo força nos braços e gemendo ‘Arg’).

“Essa mochila é de homem.” (as crianças disseram ao saber que eu estudava e que minha mochila é preta. Os meninos mostraram suas mochilas e eu perguntei como deveria ser a minha e apontaram as mochilas das meninas da turma, rosa e com flores).

“Aí oh! Que bonito! Parou de chorar, virou homem!” (uma funcionária da escola falando com um dos meninos que não chorava mais ao chegar à escola).

Essas situações começaram a me incomodar e algumas indagações surgiram na minha cabeça:

Como é construído esse conceito menino/menina? Esse binômio tem que ser um o contrário do outro? Por que isso é coisa de menino e isso de menina? Tem que ser assim? Por quê? Quem falou? Como crianças tão pequenas têm esse comportamento, esta postura? Será

que só a família ensina ou a escola também constrói e reforça esse binômio? E eu, como devo agir diante de tais circunstâncias?

Diante de tantos acontecimentos, uma colega de trabalho sugeriu que eu contasse para a turma à história *O que os meninos fazem? O que as meninas fazem?* BRENMAN (2008). O livro apresenta situações ditas típicas de meninos e de meninas e depois faz uma montagem mostrando que as mesmas brincadeiras podem ser vividas por meninos e meninas, de formas diferentes. Ao contar a história, notei que as crianças ficaram atentas e, à medida que as cenas eram apresentadas, surgiram vários burburinhos e caras surpresas também. Quando fomos conversar sobre o que nos foi apresentado no livro uma das crianças comentou que *os meninos e as meninas fazem as mesmas coisas*. Achei fantástica essa observação.

Na turma há uma criança, um menino, que apesar de várias demonstrações de carinho, cuidado e prestatividade com as professoras e outros adultos da escola, assim como com alguns colegas, apresenta momentos de irritação súbita, com falas agressivas e uma entonação de voz que parece imitar um adulto. Bate e empurra os colegas sem motivo aparente e quando questionado se cala e chora sem fazer som algum, é angustiante. Nas conversas e brincadeiras é uma das crianças que tem mais dificuldade em aceitar ou entender que tanto menino quanto menina podem fazer isto ou aquilo. Por exemplo, uma das meninas levou no dia do brinquedo um carro rosa, *uma Ferrari*, como os meninos disseram, porém, não brincaram com o carro dela. Este menino disse que *as meninas poderiam brincar com o carro porque era de cor rosa, já os meninos não*. Outro dia, na biblioteca, as crianças, após se sentarem, foram indagadas pela funcionária da biblioteca sobre o que gostam de brincar e depois de várias falas o mesmo menino se levantou e disse que brinca de bola, fazendo gestos como se estivesse jogando futebol. Na mesma hora uma das meninas se levantou sorrindo e disse que também brinca de bola e o menino citado acima a puxou pelo braço e disse: *menina não joga bola*, entonando a voz fortemente.

Essas situações são muito comuns na turma e na escola, contudo, não precisa ser menino para jogar bola ou menina para cuidar do bebê, necessariamente, qualquer um dos dois pode fazê-lo. Não quero que sofram na hora de escolher uma brincadeira, de dançar uma música, de escolher um livro, quero que façam suas escolhas seguras do que estão fazendo sem se preocupar com o que os outros vão pensar ou dizer.

Tudo isso me levou a pensar em um tema que poderia ser abordado e estudado na escola: como a questão do gênero aparece nas brincadeiras, nas rodas de conversa e de

histórias com as crianças de 3/4 anos da turma do Sapo Cuidadoso – sala 5 tarde - na Escola Municipal de Educação Infantil Míriam Brandão.

4 OBJETO

A representação de masculino e feminino por crianças de 3 e 4 anos na escolha de brinquedos e brincadeiras na turma do Sapo Cuidadoso da Escola Municipal de Educação Infantil Míriam Brandão.

4.1 Objetivo geral:

- Oportunizar para as crianças da turma a possibilidade de brincar do que quiserem, de experimentar novas brincadeiras e de superar seus limites para além dos constrangimentos das normas de gênero;

4.2 Objetivos específicos:

- Criar momentos nas brincadeiras ditas de meninos e de meninas, que possibilite incentivar a troca de papéis e a participação de todas as crianças envolvidas;
- Desnaturalizar a ideia de que menino e menina possam brincar com brinquedos considerados apenas de menino ou de menina;
- Levar o aluno e a aluna a identificar, expressar e respeitar suas preferências e as dos colegas.

5 O BRINCAR, O BRINQUEDO E A BRINCADEIRA INFANTIL

O ser humano brinca desde que começa a perceber o próprio corpo. Brinca com as mãos, com os sons que emite, com os outros, com todo o corpo e, à medida que vai crescendo, começa a interagir com objetos transformando-os em brinquedos a partir da sua imaginação, da observação, da interação e da fantasia, criando e aprendendo novas brincadeiras.

No brincar, a intencionalidade é o sentido que o brincante dá a brincadeira que está acontecendo, isto é, brinca-se com um determinado sentido, e somente quem está brincando é que sabe realmente sobre essa intencionalidade. (...) Há um acervo de significados entremeados na atitude lúdica que remetem a muitos aspectos da vida, pois quem brinca diz alguma coisa, e esse dito está repleto de conteúdos da existência humana. (PEREIRA, 2005, p. 21)

O primeiro espaço em que a criança brinca é o familiar: brinca com seus pais, com parentes e amigos mais próximos, depois na escola e demais lugares que frequenta. Ao se apropriar de novos espaços amplia suas amizades e brincadeiras. Mas qual é a diferença entre brincar, brincadeira e brinquedo? Friedmann (2012) define assim:

Brincar: diz respeito à ação lúdica, seja brincadeira ou jogo, com ou sem o uso de brinquedos ou outros materiais e objetos. Brinca-se também usando o corpo, a música, a arte, as palavras, etc.

Brincadeira: refere-se basicamente a ação de brincar, ao comportamento espontâneo que resulta de uma atividade não estruturada.

Brinquedo: define o objeto de brincar, suporte para a brincadeira. (FRIEDMANN, 2012, p. 19)

Com crianças pequenas, às vezes, na brincadeira, elas mesmas se tornam o brinquedo quando, por exemplo, uma delas é o bebê de outra criança. Criam regras, estabelecem espaços e definem os participantes. Pereira (2005) afirma que “As crianças, por mais que sejam doces, trazem dentro de si toda a condição humana de afetos, desafetos, preconceitos, leveza e crueldade.” Enquanto brincam as crianças se desentendem umas com as outras, brigam, se irritam, atrapalham a brincadeira do colega, sofrem, se decepcionam, se chateiam, se organizam e criam regras e combinados, se divertem, experimentam, representam, recriam momentos vividos, imitam, escolhem, zombam, entram em conflito, ficam inseguras, sorriem e choram. Isso nos mostra que brincar nem sempre é tão prazeroso quanto se espera, pois nos deparamos com tensões de convivência, de partilha, de espera, de perda e outras situações da vida humana.

Podemos entender alguns comportamentos das crianças ao observá-las brincar, visto que, muitas vezes, representam situações que estão vivendo em seu cotidiano. Um olhar atento e curioso permite ao professor ajudar, compreender e direcionar a criança a falar sobre o que está passando de maneira tranquila e segura, sem que perceba que está sendo questionada.

Na imaginação das crianças tudo pode virar uma brincadeira ou um brinquedo: um pedaço de papel rasgado voando pela sala com a força do vento ou do ventilador; um pote vazio de iogurte pode virar uma panela, um chapéu ou um megafone; a canetinha, o lápis ou o giz de cera podem ser uma nave; a escrita do nome ou um desenho; os brinquedos que temos em sala; a mão suja de tinta da massinha caseira; uma caixa vazia; uma careta no espelho. A imaginação é nosso melhor brinquedo e com ela podemos transformar tudo. Podemos ser, ter e fazer o que quisermos. Às vezes o brinquedo em si perde sua identidade concreta e passa a ter uma característica que é atribuída por quem brinca e esse poder de transformar um objeto em outro só é possível com a imaginação. “Por isso é que, para a criança, qualquer objeto pode se tornar um brinquedo. Ela tem em si mesma um impulso que a faz querer brincar, que a faz dar novos significados as coisas materiais e imateriais.” (PEREIRA, 2005, p. 19). A imaginação e a fantasia são tão importantes nas brincadeiras que, quando uma criança quer tomar um brinquedo/objeto da outra, não é apenas o brinquedo/objeto que ela deseja. Ela deseja a diversão, a felicidade e a alegria que aquela criança tinha ao brincar com aquele brinquedo/objeto. E se ela não for capaz de imaginar e fantasiar, aquele objeto de desejo passa a não ter mais valor, é deixado de lado.

O brincar junto, que acontece muito na educação infantil, proporciona interações diversas e possibilita à criança experimentar comportamentos que só lhe são permitidos, de acordo com as normas de gênero impostas por seu meio social e cultural, enquanto brincadeira. Um menino, por exemplo, só poderá ser pai de uma boneca ou uma menina só vai ser policial e brincar de carrinho se for de *brincadeira*¹.

As atividades que foram propostas para a análise da prática favoreceram momentos com as crianças em conjunto e individuais.

¹ Grifo meu.

6 QUESTÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Assim como a sociedade se organiza com regras, modelos e normas sociais a instituição escolar também se organiza estabelecendo suas regras e normas de boa convivência. Fazemos combinados e esperamos atitudes e comportamentos das crianças e dos adultos envolvidos para diversas atividades. Temos hora para entrar e sair da escola, para comer, brincar, ficar em sala, correr, ir à biblioteca e outros. Todos têm que ter uma organização para utilizar os espaços.

As filas, o uso dos banheiros, a separação na hora das brincadeiras são apenas algumas das organizações que fazemos separando, geralmente, os meninos das meninas. Será que estas separações são realmente necessárias? Há outras maneiras de fazê-las?

Depois da família, a escola é o próximo local onde a criança se relaciona com outras pessoas, que diferem dela e de sua família em aparência, modos de pensar e agir e na importância que dão ao outro.

Com o princípio de uma escola pública para todos, inclusiva por direito, a oportunidade de trabalhar as diferenças com as crianças só aumenta. Entretanto, se este trabalho de conscientização e valorização do outro, que sempre será diferente do que eu sou, já que não existe um modelo a ser seguido, não é feito na escola nem na família, teremos dificuldade em conviver e aceitar tais diferenças, sejam elas quais forem.

Diversas são as normas criadas para nos orientar em sociedade, uma delas, que vou me ater, são as tradicionais normas de gênero. Normas estas criadas para determinar o que é ser homem e o que é ser mulher segundo nossa sociedade tradicional e machista. Eis algumas normas ouvidas de forma corriqueira na escola: *Menino não chora; Parou de chorar, já virou homem; Menina não senta assim e não corre; As meninas são mais sensíveis, frágeis e educadas que os meninos; Quem cuida do filho é a mãe; É a mulher quem sabe arrumar uma casa e fazer uma boa comida; O homem é forte, corajoso; O homem trabalha e a mulher cuida da casa.*

E como definir exatamente a conduta e o papel da mulher e do homem na nossa sociedade já que somos construídos a partir das nossas relações e interações com o outro e se nessas interações o outro me afeta?

Quando a mulher descobre que está grávida, logo quer saber se é menino ou menina. A partir do momento que descobre o sexo do bebê a história de vida desta criança começa a ser construída e traçada. Um mundo de cores e formas começa a ser imaginado e criado em

prol deste novo ser que ainda está por vir. Começa aí, então, a construção da identidade da criança, pois quando eu dou um nome, identifico um corpo, eu tenho poder sobre ele. Posso escolher o nome; as roupas que irá usar; como deverá se comportar e agir; o que pode ou não comer; os brinquedos que poderá ter e brincar; com quem poderá brincar, conversar, sair. Pensando nesta palavra que tanto apareceu na última frase, *poder*, fico imaginado como a nossa escrita já é padronizada, modelada, normatizada e, mesmo sem querer, o tempo todo criamos regras e normas para escrever, falar, para nos direcionar. O poder da posse, o poder do permitido, o poder do empoderamento. Ao pesquisar no dicionário temos os seguintes significados para “**poder**¹*vtd*1 Ter a faculdade ou possibilidade de. *vtd*2 Ter autoridade, domínio ou influência para. **poder**²*sm* 1 Faculdade, possibilidade. 2 Autoridade. 3 Império, soberania.” (MELHORAMENTOS DICIONÁRIO, 2009). Tanto o substantivo masculino como o verbo traz essa marca de permissividade, pois quando eu peço algo, estou dando poder ao outro sobre mim. E quando eu possibilito algo de alguma maneira aí também está o poder, o controle, a posse.

Na escola, nós professoras somos autoridades perante os pais, alunos e funcionários, contudo, temos também autoridades sobre nós, sabemos a quem responder, a quem obedecer. O poder está imbricado nas relações quaisquer que sejam elas, familiares, de trabalho, amorosas, escolares, de amizades e outras. Sendo assim,

Homens e mulheres certamente não são construídos apenas através de mecanismos de repressão ou censura, eles e elas se fazem, também, através de práticas e relações que *instituem*² gestos, modos de ser e de estar no mundo, formas de falar e de agir, condutas e posturas *apropriadas*³ (e, usualmente, diversas). Os gêneros se produzem, portanto, nas e pelas relações de poder. (LOURO, 1997, p. 41)

Parafraseando o professor Paulo Nogueira, o campo identitário irá trabalhar sempre o que temos de presença e de ausência, acaba marcando um modo binário, ou se é homem ou não, por exemplo. Estou entendendo aqui a identidade dos sujeitos como constituinte da identidade de gênero já que é na relação com a diferença que ela se constrói. É no confronto, na minha diferença com o outro que eu construo a minha identidade, produzidas cultural e socialmente em relações de poder.

² Grifo da autora

³ Grifo da autora

Mas como temos a necessidade de classificar, nomear e definir as identidades, sejam elas de gênero, sexuais ou dos sujeitos, Louro (2003), ao “teorizar o gênero aponta, (...) importantes implicações de seu uso como ferramenta teórica e política”:

- 1) Gênero aponta para a noção de que, ao longo da vida, através das mais diversas instituições e práticas sociais, nos constituímos como homens e mulheres, num processo que não é linear, progressivo ou harmônico e que também nunca está finalizado ou completo. (...) ao enfatizar que educar engloba um complexo de forças e de processos (que inclui, na contemporaneidade, instâncias como os meios de comunicação de massa, os brinquedos, a literatura, o cinema, a música) no interior dos quais indivíduos são transformados em (...) homens e mulheres, no âmbito das sociedades e grupos a que pertencem.
- 2) O conceito também acentua que, como nascemos e vivemos em tempos, lugares e circunstâncias específicos, existem muitas e conflitantes formas de definir e viver a feminilidade a masculinidade.
- 3) (...) a ideia de que as análises e as intervenções empreendidas devem considerar, ou tomar como referência, as relações - de poder - entre mulheres e homens e as muitas formas sociais e culturais que os constituem como “sujeitos de gênero”.
- 4) Por último, o conceito de gênero propõe, (...) um afastamento de análises que repousam sobre uma ideia reduzida de papéis/funções de mulher e de homem, para aproximar-nos de uma abordagem muito mais ampla que considera que as instituições sociais, os símbolos, as normas, os conhecimentos, as leis, as doutrinas e as políticas de uma sociedade são constituídas e atravessadas por representações e pressupostos de feminino e masculino ao mesmo tempo em que estão centralmente implicadas com sua produção, manutenção ou ressignificação.

Não quero com este trabalho subverter as normas de gênero, mas apresentar outras possibilidades da construção social do gênero para que as crianças se tornem menos homofóbicas ou sexistas. Acredito, assim, que a identidade de gênero pode ser construída durante toda nossa vida e se pudermos favorecer isto desde as crianças pequenas poderemos ter adultos menos preconceituosos e mais sensíveis.

Na verdade, ao invés de nos preocupar com a construção do gênero devíamos focar nossos esforços na construção afetiva, no respeito a si mesmo e ao outro e no reconhecimento do outro ser o que ele deseja.

7 METODOLOGIA

O plano de ação proposto para a turma do Sapo Cuidadoso aconteceu em oito momentos e foi realizado através de rodas de conversa, de pesquisa, observação, leitura e reconto do livro *O que os meninos fazem? O que as meninas fazem?* Brenman (2009), apresentação de imagens, vídeos, confecção de mural, quadro comparativo, fotos, gravações audiovisuais, de brinquedos e brincadeiras. Nas rodas de conversa foram lidas e discutidas outras histórias que também abordavam o tema, enriquecendo e contribuindo aquele momento, mas que não tiveram atividades específicas para este plano de ação. À medida que os materiais ficavam prontos eram expostos na escola.

Etapas realizadas:

1º Momento:

Apresentamos imagens de mulheres e homens jogando futebol, dirigindo veículos, consertando coisas, cuidando de crianças, arrumando a casa, cozinhando, estudando, lavando, cuidando da própria aparência, de médicos, astronautas, costureiros e depois conversamos sobre o que vimos.

2º Momento:

Convidamos as crianças a trazerem de casa e apresentarem para a turma um brinquedo e ou brincadeira que mais gosta ou uma história preferida atualmente. Pesquisamos previamente com os pais qual era a brincadeira preferida deles na infância e montamos um quadro comparativo.

3º e 4º Momentos:

Organizamos e promovemos com as crianças “O dia de cuidar do brinquedo” já que somos a turma do Sapo Cuidadoso e o projeto institucional deste ano é o *cuidar*. Programamos dois dias durante a tarde; um para cuidar de bonecas e outro dia para cuidar de carros. Cada criança cuidou e fez as atividades propostas com o brinquedo do dia, além de se divertir.

5º Momento:

Preparamos um espaço estimulante com diversos brinquedos, tanto ditos de meninas como de meninos e convidamos as crianças a brincarem livremente. Observamos e registramos tudo com fotos. Enquanto brincavam conversávamos sobre as brincadeiras daquele momento. De que brincavam? Quais brinquedos mais lhe interessavam ali? Quem brincava com quem? E se deixavam algum brinquedo ou colega de lado, indagava o porquê? Deixamos que falassem a vontade sem interferir na brincadeira. A observação nesta atividade foi intensa.

6º Momento:

Assistimos o vídeo do livro animado “O menino Nito” e depois propusemos às crianças que separassem os brinquedos que eles pensavam ser “de menino e de menina”.

7º Momento:

Construímos um mural com a temática “De que mais gosto de brincar” junto com as crianças a partir de figuras de jornal, revistas e panfletos. Deixamos que escolhessem as imagens e que auxiliassem na confecção do mural. Registramos com fotos e observamos as falas.

8º Momento:

Fizemos o reconto da história “*O que os meninos fazem, o que as meninas fazem*”, Brenman (2009), e registramos com fotos para depois montarmos um livro “O que fazem os meninos e o que fazem as meninas da turma do Sapo Cuidadoso”.

8 CRONOGRAMA

Momentos	Cronograma de atividades	
1°	16/09/2014	Vídeo com apresentação de imagens e conversa informal com registros.
2°	18/09/2014	Apresentação de brinquedo/brincadeira ou história preferida e construção do quadro comparativo.
3°	19/09/2014	Dia 1: cuidar das bonecas;
4°	25/09/2014	Dia 2: cuidar dos carros;
5°	26/09/2014	Atividade de observação em sala: Como as crianças brincam? De que brincam? Como se organizam? Gravação de áudio.
6°	30/09/2014	Vídeo da coleção A cor da cultura – O menino Nito, livro animado e organização.
7°	02/10/2014	Construção do mural com as crianças sobre o que mais gostam de brincar.
8°	14/11/2014	Reconto da história e confecção do livro da turma.

9 AÇÕES E ANÁLISE DO PROJETO

Atividade 1: Apresentar as imagens para as crianças

Selecionei e apresentei na sala de vídeo algumas imagens de homens e mulheres em várias situações do cotidiano: lavando roupas, cozinhando, no salão de beleza, dirigindo ônibus, cuidando de crianças, passando roupa, médicos, astronautas, militares, costurando, consertando a pia, estudando, jogando futebol, construindo calçadas e pavimentando a rua. Antes de apresentar a imagem perguntava, por exemplo, quem lava a roupa? Após algumas respostas eu apresentava as imagens mostrando que tanto o homem como a mulher podem lavar roupas. À medida que eu ia apresentando as imagens conversava com as crianças e elas iam comentando. Algumas imagens foram bem tranquilas de observar, outras foram bem polêmicas. Veja a figura a seguir:



Figura 1: Homem passando roupa

<http://super.abril.com.br/blogs/cienciamaluca/files/2012/09/casa-limpeza1.jp>

Quando perguntei quem passa roupa a resposta foi quase em coro, *a mulher* ou *a mamãe*. Quando apresentei a imagem houve grande burburinho, perguntei se homem passava roupa, o que eles achavam e a maioria disse que sim, acredito que influenciados pela imagem,

que o pai passa roupa quando a mãe não está em casa. Dois meninos, entretanto, ficaram alteradíssimos querendo falar, colocar sua opinião, gritando que homem não passa roupa e um deles afirmou que *o pai compra o ferro e a mãe passa a roupa.* ”*Meu pai não passa roupa.*” Aqui percebemos como a ideia do pai provedor ainda perpetua em nossa sociedade, mesmo a mulher saindo para trabalhar e assumindo a casa como “chefe da família”. Ainda assim os pequenos vêem o homem como aquele que sustenta a casa e a mulher como aquela que executa as tarefas domésticas, pois o homem tem que sair para trabalhar.

Quando havia uma imagem de homens dirigindo, tudo tranquilo, perguntei se mulher dirige e disseram que sim, mas ao verem a imagem:



Figura 2: Mulher dirigindo ônibus

<http://soumaiselas.blogspot.com.br/2012/05/mulher-no-volante-seguranca-constante.html>

Alguns meninos disseram que *mulher não dirige caminhão, só homem.* Outros que *se ela tivesse carteira poderia dirigir caminhão, ônibus ou que elas quisessem* e outros ainda diziam que *se estivesse grávida não poderia dirigir.* Argumentei que várias mães buscam crianças na escola de carro e que algumas professoras também dirigem, que tem motorista de ônibus no bairro do sexo feminino e que a mãe de uma das crianças da turma está grávida e dirige. Houve um breve silêncio e novamente aqueles dois alunos não concordaram que mulher dirige caminhão, *foi só pra tirar a foto,* disse um deles. A fragilidade feminina e uma questão que as crianças apontam ao dizer que a mulher não pode dirigir um carro tão grande

como um ônibus ou caminhão. Outra questão é o sagrado momento da gravidez, a mulher fica indefesa, fragilizada, sensível.

Na figura da mulher consertando a pia na cozinha as crianças ficaram em dúvida se diziam que sim, mulher sabe consertar a pia ou não. Nesse momento uma das meninas, que mora com a mãe e irmã adolescente sem a presença do pai ou outra figura masculina, levanta e diz: *minha mãe conserta chuveiro professora* (silêncio). A mulher como responsável pela família, a inversão dos papéis que são apresentados às crianças.



Figura 3: Mulher consertando a pia

<http://www.dasmariasblog.com/post/169702/como-fazer-pequenos-consertos-em-casa-faca-voce-mesma>

Estas foram apenas algumas das situações que vivenciamos nesta atividade. Apesar de algumas imagens ficarem pequenas durante a projeção, pois não testei antes, e de não registrar com fotos, vídeos ou áudios, os pequenos se envolveram. Notei o sofrimento de alguns, principalmente dos meninos, em ver homens executando tarefas que para eles são ditas de mulher. Mesmo observando as imagens eles defendiam que homem não faz aquilo. Em algumas situações a turma mudava de opinião depois de ver as fotos e comentavam que, *quando a minha mãe sai, meu pai faz comida, só macarrão, quer dizer*, por exemplo. A refeição, geralmente comidas rápidas e práticas, é feita na falta da mulher em casa. Talvez para estas crianças, onde o pai ou outra figura masculina que conheçam façam algumas tarefas domésticas, seja mais tranquilo assumir que homens e mulheres podem fazer as mesmas

coisas não deixando de ser o pai e a mãe, no caso. Por outro lado, na casa onde a presença masculina é colocada como modo de dominação, de medo, de autoridade, de agressividade, de obediência, a criança tende a reproduzir o que vê. De certa forma, parecem se sentir acuados a não mudar de opinião ou mesmo de aceitar a opinião do outro.

Atividade 2: Organizar a sala em espaços diferentes

Organizei a sala da seguinte maneira:



Figura 4: Quarto casa 1



Figura 5: Sala e cozinha casa 1

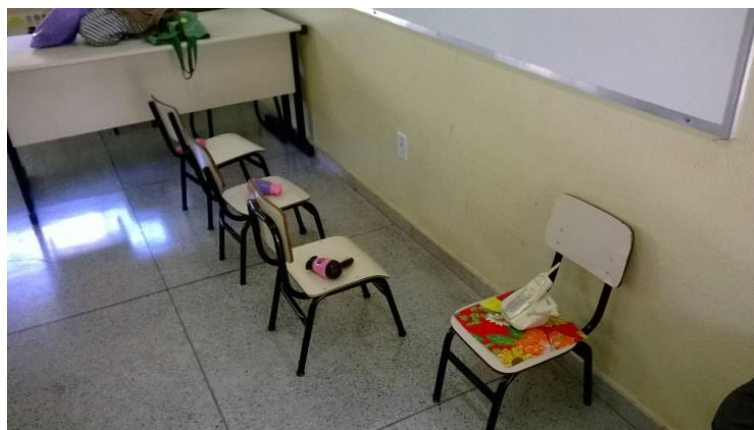


Figura 6: Salão de beleza

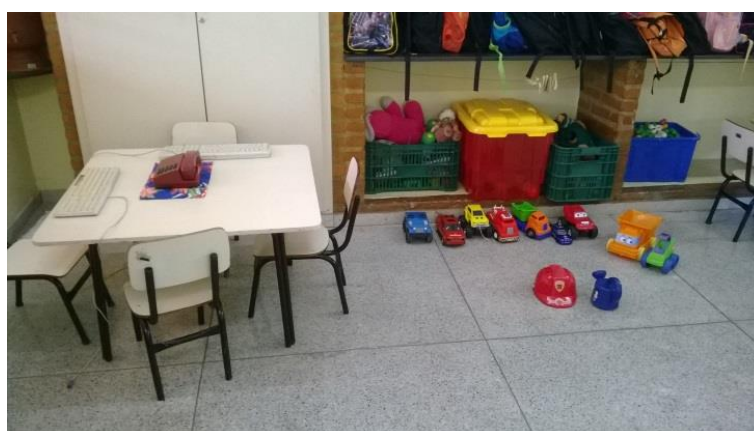


Figura 7: Escritório e Oficina



Figura 8: Sala e cozinha casa 2



Figura 9: Mercado

Ao retornar do parquinho com a turma, a sala estava preparada para uma tarde de brincadeiras e eles adoraram. A maior parte dos meninos e uma menina foram para a oficina aonde havia carros e ferramentas, o restante do grupo se dividiu entre o salão de beleza, as casinhas e o mercado. Algumas crianças ficaram procurando lugares onde estava mais vazio como o escritório e a cozinha da casinha 1. Alguns meninos, depois de correr bastante e fazer muito barulho largaram os carrinhos e foram para o salão cortar os cabelos e serem cabeleireiros, cuidando também dos cabelos das meninas e da professora, usando a prancha e secador para arrumar os cabelos de suas clientes. Neste momento as meninas que quiseram brincar no salão só puderam ser clientes, os meninos que lá brincavam não deram outra opção. Percebi que dois meninos preferiram ficar na casinha 1 por questões de afinidades com aquelas meninas que lá estavam ou por que podiam se deitar na cama com os bonecos/bebês e dormir. Ora estes meninos pareciam cuidar dos bebês, ora pareciam ser cuidados pelas mães/meninas. Em alguns momentos viravam maridos e tinham que ir ao mercado comprar alguma coisa segundo a ordem das meninas/esposas. Durante estas brincadeiras as meninas pareciam mais mandonas e os meninos mais solidários e companheiros. Ajudavam a cuidar do bebê, da casa, às vezes pareciam até submissos em relação às meninas, talvez por pensarem que aquele era um espaço feminino, onde elas é que mandam. Entretanto, no salão de beleza houve uma novidade. Os meninos é que cuidavam das meninas, faziam os cabelos e pranchavam sem nenhum receio de serem vistos como *menininha*⁴.

As mercadorias do mercado acabaram rapidamente, havia meninos e meninas cozinhando, os meninos mais centrados no que faziam e as meninas tentando coordenar tudo

⁴ Grifo meu

o tempo todo. Poucas meninas demonstraram interesse pela oficina de carros, contudo, se divertiram no escritório e no salão de beleza.

Atividade 3: De que mais gosto de brincar

Levei para a escola panfletos de uma grande loja de conveniências que se organizara para a semana da criança. Nestes panfletos havia vários tipos de brinquedos: bonecos de super-heróis, bonecas diversas, carrinhos de modelos e tamanhos diferentes, jogos de montar, bicicletas, velocípedes, patins, skates, piscina, pula-pula, CDs, DVDs, livros, revistas, roupas, artigos para higiene pessoal, celulares, jogos para videogame, dentre outros.

Entreguei os panfletos para as crianças junto com canetinhas e pedi que elas olhassem e circulassem, sentadas à mesa, o brinquedo que mais gostavam de brincar. Alguns saíram circulando todos os brinquedos, outros olhavam as imagens e comentavam entre si quais queriam ter, quais têm, quais gostam mais. Após selecionarem suas preferências fizemos uma grande roda em sala e cada um, na sua vez, expôs a sua escolha. Houve discussões acerca das escolhas de alguns colegas, muitas crianças não concordavam, por exemplo, que uma menina tivesse selecionado *um skate do Ben 10, se fosse da Hello Kit poderia brincar*. Mas quando um menino escolheu a Peppa Pig, que é uma porquinha, ninguém ousou dizer que fosse um brinquedo de menina, mesmo ela sendo rosa e usando um vestido vermelho. Alguns até informaram que *ela tem um irmão, George, que é um porco rosa, só que de blusa azul*. Como esse brinquedo, Peppa Pig, está no auge e faz muito sucesso entre as crianças, parece que não há entre elas uma definição de que seja um brinquedo de menina e/ou menino, além do mais, ela tem um irmão, um menino rosa. É provável que, o fato destes personagens serem crianças, tenha induzido a aceitação pela turma. Isso fez com que as crianças não os definissem como brinquedos de menina ou menino, mesmo sendo rosa, o que para muitos ainda é uma cor feminina.

Depois de toda exposição recolhi os panfletos nomeando-os e recortei os brinquedos selecionados para montar o mural com o título “De que mais gosto de brincar”.

No outro dia, antes das crianças chegarem à sala de aula, montei o mural colocando os recortes de brinquedos preferidos dentro de balões de diálogo identificado pelo nome de cada criança e anexei do lado de fora da sala. Quando chegaram à sala ficaram contentes ao ver suas escolhas expostas para outras pessoas. Como já identificam o próprio nome e de alguns colegas, ficavam apontando e mostrando o que cada um escolheu e na dúvida perguntavam:

isso é meu Verônica? Apontavam os brinquedos selecionados por alguns colegas e indicavam como sendo de menino ou de menina.

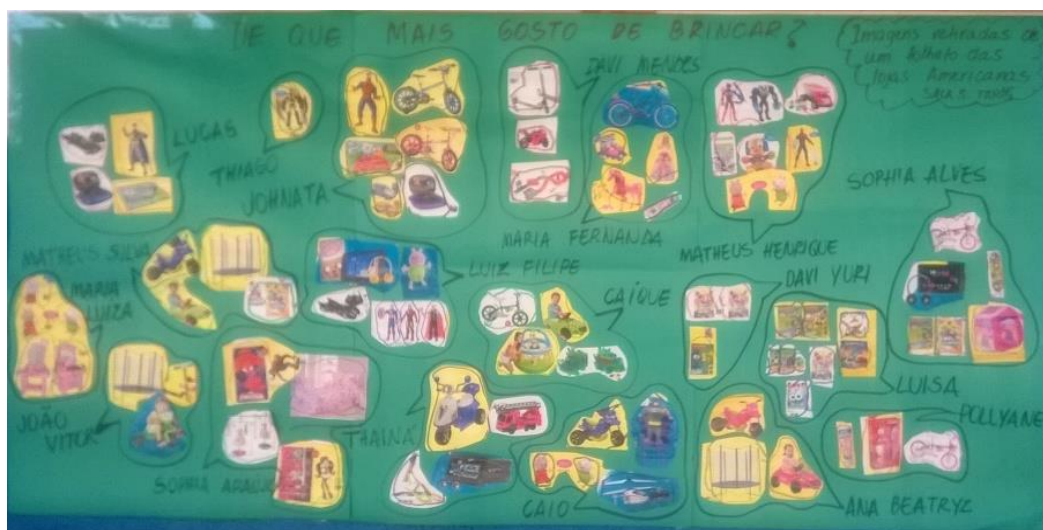


Figura 10: De que mais gosto de brincar?

Atividade 4: O dia do cuidar

Das bonecas:



Figura 11: Bonecas selecionadas para o dia do cuidar

Organizei 21 bonecas para minha turma de 20 crianças. Havia bonecas brancas, bebês negros, bonecas/bonecos das Chiquititas, duas bonecas de pano, uma com cabelo azul e outra com cabelo rosa, boneca indígena e uma Barbie.

Ao chegar à sala para deixar as mochilas, as crianças perguntavam *se era dia do brinquedo? Por que das bonecas no chão? Por que não tinha outro brinquedo?* Logo respondi que não era dia do brinquedo e que deveríamos lanchar naquele momento. Quando voltamos para sala fizemos uma meia roda e perguntei o que tínhamos a nossa frente: *boneca e boneco; o Rafa e as Chiquititas meninas e bebês*, diziam elas. E continuei: *São de verdade? Para que servem? Pra brincar, são bonecas, é brinquedo. Quem brinca com esse brinquedo? As meninas, meninos brincam com bonecos. Menino também pode brincar de boneca.*

Hoje nós teremos o dia do cuidar, o que é isso? *Ajudar o outro; se ele ficar sozinho tem que ir pra casa dele; ler história pra ele*, segundo as crianças. Expliquei que naquele dia teríamos que escolher e cuidar de uma boneca a tarde toda, levá-la conosco por onde fôssemos pela escola, ter atenção, responsabilidade e carinho com as bonecas. Desse momento em diante fui chamando as crianças pelo nome uma a uma, dando a preferência aos meninos, para que tivessem opção de escolha e por demonstrarem mais dificuldade em assumir que vão brincar com uma boneca.

Alguns meninos não tiveram o “cuidado” combinado com as bonecas. Arrastaram-nas pelo braço e pela cabeça arrancando estes membros, outros meninos, no entanto, *diziam amamentar as bonecas imitando as meninas*, recostando as bonecas no peito. É provável que o fato de não terem costume de brincar com bonecas, brinquedos que geralmente são montados por partes, tenha causado esse “descuido”. Quando perguntei se os bonecos que escolheram eram meninas ou meninos muitos ficavam em dúvida mesmo que estivessem com uma boneca de vestido e laço na cabeça. Quanto ao nome dado aos bebês, frequentemente, os meninos escolhiam o nome de uma das meninas da turma que estivesse próximo a eles, mesmo que fosse um boneco representando um personagem masculino da novela Chiquititas. Indaguei se menino usava vestido e laço na cabeça, devido ao nome dado as bonecas pelas crianças e alguns meninos diziam que sim, que não havia problema homem usar laço e vestido.

Os meninos que apresentavam maior resistência em dizer que meninos e meninas gostam das mesmas coisas escolheram bonecas de pano com cabelo azul, outra de cabelo rosa ou uma boneca e não boneco. Nenhum menino se negou a pegar uma boneca.

Dos carros:



Figura 12: Carros selecionados para o dia do cuidar

Separei 20 carros de tamanhos e modelos diferentes na sala como caminhões, carros de passeio, camionete, carros de bombeiro e da polícia.

Expliquei novamente a ideia do cuidar e pedi, propositalmente, que as meninas fossem as primeiras a escolher o carro, chamando alguns meninos ao mesmo tempo, deixando aqueles mais resistentes às meninas brincarem ou escolherem um carro por último, para que todas tivessem opção de escolha.

Nenhuma menina se negou a pegar os carros, mas ouvi alguns meninos falando com as meninas *que os carros de polícia e bombeiro assim como os caminhões eram somente de meninos*, isso, claro, porque eles queriam pegar estes veículos para brincar. Trabalhos como os de policial e bombeiro ainda são vistos por eles como estritamente masculinos, assim como o uso de carros e caminhões grandes.

Algumas meninas se jogaram no chão, corriam e empurravam os carrinhos emitindo sons, tentando imitar o som de um automóvel. Uma menina, que tem todo esse discurso que carrinho é de menino e boneca é de menina apenas seguia o grupo pela escola puxando sua camionete pela corda, sem mostrar emoção em brincar com o carrinho. Na roda, quando perguntei o que acharam de cuidar naquela tarde do carrinho, se brincavam em casa ou se tinham carrinho, essa mesma menina não respondeu se brincava de carrinho, mas disse que tem 100 Barbies. Perguntei se tinha carrinho, *sim, um rosa*. Outra ponderação das crianças, menina até pode ter carro de brinquedo se for rosa. Menino não tem boneca, menino tem boneco. E se for para brincar que seja com um boneco masculino e musculoso de preferência que se transforme em algo maior, que salve alguém, que tenha superpoderes.

A partir da resposta *sim, um rosa*, fui perguntando às crianças se tinham mais carros ou mais bonecas e um dos meninos deu uma gargalhada – e com um misto de graça e revolta fechou a cara – e disse *eu não tenho boneca, isso é coisa de mulherzinha*. Os outros meninos disseram *eu tenho um tanto de carrinho*.

Neste momento uma das meninas disse que gosta de brincar de carro de bombeiro com o irmão. Outra menina achou *triste brincar de carro porque escorregou e ralou o joelho*. Ela disse que o carro caiu e que ele a derrubou. Indaguei se ela então não gostou de brincar de carro? Disse que sim, mas não gostou de se machucar.

Conversamos também sobre o cuidado que devemos ter com algo que não é nosso, sobre os combinados da atividade, pois quebraram um carrinho.

Ao final perguntei: quem brinca de carrinho? Menino brinca? E menina? Neste momento houve um grande alvoroço, os meninos disseram que *quem brinca de carrinho é só menino e menina brinca só de boneca porque, segundo os meninos, menina tem sandália de mulher*. Ou seja, a menina nem está preparada para brincar com os carrinhos. Tem que ser *de tênis antiderrapante para não cair*.

Atividade 6: Assistir ao vídeo do livro animado, *O menino Nito* e depois pedir que separem os brinquedos que são considerados de meninas e de meninos segundo eles

Após o vídeo, perguntei a turma se menino chora e responderam que sim, um ou outro disse *que não, quem chora é mulherzinha*. Perguntei em que momento nós choramos e eles foram apontando quando machucamos, quando queremos a mãe ou um brinquedo, quando estamos tristes ou com medo. Perguntei a estes meninos que disseram que homem não chora se em nenhuma destas situações eles choravam e ficaram em dúvida, depois disseram que sim. Perguntei se viraram meninas porque choravam, sorriram e disseram que não.

Solicitei que fizessem uma roda e fui colocando ao centro brinquedos diversos e, à medida que ia apresentando, os perguntava quem brinca com esse e aquele brinquedo, será que tem brinquedo que é só de menino ou só de menina? Depois de muitas discussões e pontos de vista diferentes conseguimos nos entender. Temos a seguir alguns exemplos:

- O caminhão: *Meninas e meninos brincam*, disseram as crianças. *Menino só pode brincar de carrinho e menina só pode brincar de boneca* (Lucas). *Menina pode*

brincar de carrinho, a Thainá brinca (Ana Beatryz). Menina pode brincar de carrinho de menino (Caio).

- O coelho de pelúcia: *Menina pode porque é brinquedo de menina (Matheus Silva). O grupo diz que meninas e meninos podem brincar.*
- A boneca: Todos respondem que *as meninas podem brincar* e quanto aos meninos, pergunto eu, *eles também podem.*
- O jogo de montar: *Meninas e meninos brincam (o grupo). Esse brinquedo é só de homem, de menina só pode ser boneca (Matheus Silva). Mas quando coloco na mesa as meninas brincam? Aí elas podem brincar (Matheus Silva).*
- O regador de plantas: *Menina e menino podem usar (o grupo). Todas as meninas podem usar para molhar as plantinhas (Sophia Alves). Eu molho as plantas da minha mãe (Matheus Silva).*
- O capacete de bombeiro: *Meninos e meninas podem brincar (o grupo). Menina não pode (Lucas). Menina não pode brincar porque é capacete de menino (Pollyane). Quem falou que é de menino? A Pollyane (Lucas). Pra ser de menina tem que ter uma menininha (Pollyane) e tem que ser rosa ou roxo (o grupo). De menina também pode ser vermelho (Ana Beatryz). Não, amarelo, preto e vermelho é de homem (Lucas). As meninas também podem usar o capacete amarelo (Pollyane). Rosa e amarelo pode ser das meninas (Matheus Silva). Vermelho pode ser de menino e de menina, não tem problema (João Vitor).*
- A panelinha: *Menina pode brincar só menina, porque é panela e é rosa (Sophia Alves). Menino pode brincar também (João Vitor). Não pode brincar com a panelinha, menino não, menina sim porque é rosa (Pollyane). Ao sondar os meninos, eles respondiam que podiam brincar com a panelinha. Acho que a menina pode brincar sozinha com a outra criança e o menino não, porque é rosa (Sophia Araújo). E se a panelinha fosse preta? É de menino e menina (Matheus Henrique).*
- O boneco do Max Stell: *Quem é esse? Quem brinca com o Max Stell? Homem, não homem e mulher, só homem (o grupo). Por que homem pode brincar de Max Stell e mulher pode brincar de brinquedo de mulher (Johnata). E mulher, pode brincar com o Max Stell? Pode (o grupo). Não, homem pode brincar e mulher não pode não (Johnata). Meninas podem brincar sim (Ana Beatryz, Maria Fernanda e Sophia Alves). Menina não pode brincar com o Max porque ele é homem (Caio). Mas você falou que os meninos podem brincar de boneca? Não, homem só pode brincar de Max*

Stell (Matheus Silva). *E de outras bonecas também. Mulher e homem podem brincar de Max Stell* (Lucas).

- A banheira: *Só menina pode brincar na banheira rosa e menino não. Menino pode tomar banho na banheira azul ou verde* (o grupo). *Eu tomo banho de bacia* (Sophia Araújo). *Eu tenho uma banheira verde* (Davi Mendes).

Com esta atividade percebemos que os brinquedos podem ser usados de acordo com a vontade e interesse de cada criança. Há brinquedos/brincadeiras que são denominados de meninas por eles, por exemplo, e que em determinados momentos, se um dos meninos quiserem usá-los não haverá problema, pode ser de menino. Eles ainda conseguem deixar o desejo e a imaginação falar mais alto que o julgamento alheio, que eles mesmos fazem quando estão em posição contrária ao outro.

A representação da vida real é um fator determinante na hora de escolher um brinquedo. Alguns objetos, como a panelinha, são apontados como pertences do gênero feminino, independente da cor, do modelo ou do tamanho. Os brinquedos, geralmente, são separados de maneira estereotipada e apresentados às crianças assim: brinquedos que indiquem o cuidar da casa, das crianças, da beleza e da moda para as meninas; os brinquedos de montar ou que exijam grande esforço físico como esportes para os meninos.

Outro fator que muito os direciona é a cor dos objetos, quer seja brinquedo, roupa, material escolar, um velotrol ou acessórios infantis como pulseira e anel. Isto está bem definido para alguns deles. Afirmam com toda certeza que as cores rosa, roxa e lilás são para as meninas e que preto, vermelho, amarelo e azul são cores para os meninos.

A relação que é feita das cores com o feminino e o masculino é definida como um fator de gênero. O rosa está ligado às cores quentes, as princesas, a delicadeza, ao amor e a doçura, a meiguice, a ternura, a fragilidade, ao materno, ao carinhoso e sensível. O azul por sua vez é denominado como cor fria, faz relação com o forte, com o poder, com a aspereza, com a agilidade, com a frieza, a racionalidade. Talvez isso faça com que utilizemos estas cores como o primeiro indicativo ao saber da espera de um filho. Imaginamos que o uso de uma destas cores irá definir quem este bebê será pelo resto da vida. Não sabemos quem seremos amanhã, quem dirá daqui alguns anos. Há diversas formas de ser e estar no mundo, uma delas é gostar ou não de azul e/ou rosa.

Atividade 7: Quadro comparativo

Enviei um **para casa** para as famílias solicitando que informassem qual brincadeira ou brinquedo mais gostavam quando crianças. Depois pedi às crianças que levassem um brinquedo ou brincadeira preferidos para a escola a fim de socializarmos nossos gostos e conhecermos um pouco mais sobre nossas famílias. A partir daí montamos um quadro comparativo dos brinquedos/brincadeiras das famílias e das crianças:

BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS PREFERIDAS		
NOMES	DAS CRIANÇAS	DAS FAMÍLIAS
1 ANA BEATRIZ FERREZ		
2 ANA BEATRIZ DA SILVA	DE BONECA BEBÊ	BONECA
3 CAIO	JOGAR BOLA	PEGA - PEGA
4 CAÍQUE	CARRINHO	JOGAR BOLA
5 DAVI MENDES	ANDAR DE BICICLETA	CASINHA, BONECA, CORDA E ELÁSTICO
6 DAVI YURI	PATATI - PATATA	
7 JOÃO VITOR	DINOSSAURO	ROUBA BANDEIRA
8 JOHNNATA	BOLA	CASINHA
9 LUCAS	CARRINHO	JOGAR BOLA
10 LUIZA	BARBIE	BOLA, PEGA-PEGA, ESCONDE-ESCONDE
11 LUIZ FILIPE	JOGAR BOLA	PULAR AMARELINHA
12 MARIA FERNANDA	MÔNICA E MAMÃE E FILHINHA	CASINHA, BOLA, BONECA E ESCOÇA
13 MARIA LUIZA	BONECA	PULAR ELÁSTICO
14 MATHEUS HEURIGUE	GAVIÃO	JOGAR BOLA, CASINHA
15 MATHEUS SILVA	CAMINHÃO DE BOMPEIRO	CAIU NO POÇO
16 POLLYANE	BONECA	BICICLETA, ROUBA BANDEIRA E CORDA
17 SOPHIA ALVES	BRINCAR DE ARANHA	ROUBA BANDEIRA
18 SOPHIA ARAÚJO	MÔNICA	PULAR CORDA E VÔLEI
19 THAINA	BRINCAR DE CARRINHO	ROUBA BANDEIRA
20 THIAGO	CARRINHO	JOGAR BOLA

Figura 13: Quadro comparativo

Ao analisar o quadro notamos que alguns pais gostavam de brincar das mesmas coisas que as crianças da turma como boneca, bola, casinha, amarelinha e bicicleta. Descobrimos brincadeiras novas como rouba bandeira e caiu no poço, que nós experimentamos e gostamos de brincar. Quando crianças, nossos pais e mães brincavam de quase tudo, sem muita separação por ser homem ou ser mulher.

No dia programado para as crianças levarem suas atividades preferidas passei mal e não fui à escola. No outro dia conversamos e descobri que as meninas, geralmente, gostam de brincar de boneca, de mamãe e filhinha ou com bichinho de pelúcia. Uma das meninas diz que prefere carrinhos, mas no dia do brinquedo sempre leva uma boneca, que deixa de lado para brincar com os meninos. E quando perguntei por que não traz um carrinho ela disse que a mãe não deixa. As orientações sobre qual brinquedo ou brincadeira devem apresentar aos amigos se faz presente na atitude das famílias. A filha até pode brincar de carrinho em casa, entretanto, na escola pode levar bonecas ou ursinhos de pelúcia. Os meninos, por sua vez,

preferem jogar bola, brincar de carrinho e andar de bicicleta. Porém, quando estão juntos meninas e meninos montam seus grupinhos por afinidades ou interesse e brincam de tudo um pouco.

Atividade 8: fazer o reconto da história “O que os meninos fazem, o que as meninas fazem”

Depois de algumas leituras do livro que fizemos, trouxemos o livro para a roda a fim de contar a história coletivamente. As crianças falaram o título do livro *O que os meninos fazem? O que as meninas fazem?* Falaram também o nome do autor, sobre a capa do livro, da editora e da ilustradora.

À medida que ia mostrando as imagens, a turma ia fazendo a leitura visual do livro agregando a ela o que já sabiam sobre o que estava escrito. E assim começamos:

Os meninos correm, correm sem parar. E as meninas? Correm! Correm sem parar. Igual os meninos? Por que as meninas não fazem uma roda de brinquedos?(Johnata)

Os meninos brincando de carrinho e as meninas brincando de boneca. Ô Veronica, por que os meninos não dão os brinquedos pras meninas brincarem com eles? (Johnata)

Os meninos brincam de dinossauro e as meninas estão brincando de vestir a roupa da mãe, de modelo.

As meninas deixam os meninos brincarem com os brinquedos delas. Os meninos deixam as irmãs brincarem com os brinquedos deles.

Os meninos gostam de brincar na árvore. As meninas sobem no escorregador.

Os meninos jogando bola (futebol). As meninas jogando bola (vôlei).

Os meninos brincando de corda. E as meninas brincando de amarelinha. Pulando amarelinha.

Os meninos brincam de terror e de amor. As meninas brincam de terror e brincam de amor. Eu nem tenho medo de nada! Não tenho medo de nadinha! (João Vitor) Eu tenho medo. Eu tenho medo de terror! (Davi Yuri) Os meninos fazem sanduiche. As meninas comem e os meninos também comem.

Os meninos brincam de espada. E as meninas brincam de fadinha.

Os meninos com a mamãe. Eu gosto do beijo da minha mãe. (Davi Mendes) As meninas pedem colo para o papai.

Os meninos gostam de brincar com o papai. As meninas gostam de fazer cosquinhasna mamãe.

Os meninos dormem. Os meninos gostam de sonhar que eles são um homem, motoqueiro, super-herói, são grandes. As meninas também sonham.

Mas o menino Verônica, ele é grande, ele tá andando de moto. (Matheus Henrique) As meninas estão dançando, também sonham que dirige.

Os meninos acordaram e estão soltando papagaio. Eles gostam de tocar piano e de brincar.

Os meninos e as meninas gostam das mesmas coisas. (Sophia Alves)

Mas algumas coisas são diferentes. (Matheus Silva)

Neste reconto percebemos que as crianças se colocam sem receios. Ficam em dúvida sobre o que os meninos e as meninas fazem, sugerem situações, expõem seus medos ou seguranças, seus sentimentos, seus pensamentos. A todo tempo parecem se libertar e se apegar às referências que temos de normas de gênero. Referências estas que nos foi apresentada e colocada como sendo de homem ou de mulher. Outro fator importante é que sempre na biblioteca ou em sala quando encontram este livro querem levar a história para casa ou contá-la, quando não pedem para a professora contar.

Quando disse da ideia de fazermos um livro sobre o que os meninos e as meninas da turma fazem muitos ficaram animados e decidimos fazê-lo com fotos. O reconto do livro foi realizado e registrado em novembro de 2014. O livro, porém, só foi finalizado em abril de 2015. As crianças é que ditaram o texto.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Qualquer construção, seja ela física, intelectual ou corporal, necessita de tempo, espaço e relação para acontecer. Da mesma maneira a construção da identidade de gênero acontece à medida que vamos vivendo, experimentando e presenciando as diversas possibilidades de ser homem e ser mulher no mundo.

Nós criamos, recriamos e inventamos formas de sermos de acordo com aquilo que nos faz feliz e nos faz tristes, com aquilo que rejeitamos e aquilo que nos afeta. Somos o que o outro fala e vê, assim como aquilo que vemos e incorporamos ou negamos do outro.

Neste trabalho e na convivência com a turma, verifica-se que o discurso ainda é muito estereotipado entre as crianças, entretanto, volúvel também. Ao mesmo tempo em que parecem ter compreendido as possibilidades de ser menino e menina e fazer o que desejarem, ainda apresentam momentos de aceitação, dúvida e rejeição ao que é posto na sociedade como sendo de menino ou menina. Estas normas de gênero estão tão naturalizadas na nossa cultura que agir e pensar de forma diferente do outro assusta, dá medo.

Cabe à escola, como instituição social, inserir, incluir e promover o diferente, garantir que estes sejam apresentados, reconhecidos e respeitados neste espaço e fora dele.

Durante o desenvolvimento deste trabalho aconteceram situações que não foram descritas, mas que contribuíram de alguma maneira para a sua realização. A ajuda de alguns colegas e o interesse de outros tornaram possível à evolução e conclusão do mesmo. Houve também algumas intempéries, nem sempre foi possível contar com o entendimento de algumas colegas. O medo de incomodar o outro também prejudicou nos registros deste projeto. É complicado lidar com tanta diversidade, com tantas crianças querendo sua atenção o tempo todo, coordenar, produzir e ainda registrar tudo que aconteceu no grupo estudado. Houve momentos que mesmo com tudo planejado muita coisa deu errado: a máquina não funcionou, o celular que ficou na bolsa, adoecimento, a ausência das crianças, outras atividades da escola, atividades que não foram concluídas e por isso excluída do plano, a dificuldade em dizer não para outras tarefas da escola no momento que se planejou algo do projeto.

Outros aprofundamentos poderiam ter sido feitos sobre meninos, meninas; crianças de 3/4 anos; teorias da pedagogia sobre estes temas e outros como o brincar e a brincadeira para

o desenvolvimento da criança; o papel do professor nestas situações; o que dizem os documentos oficiais sobre o brincar, as brincadeiras e as identidades de gênero.

Contudo, neste projeto ficou claro como a escola e a sociedade operam cheias de regras, normas e padrões. Como nós ainda separamos e enquadramos as crianças impedindo muitas vezes que elas experimentem o que é posto como proibido. Colocamos dúvidas e receios a respeito do que imaginam ser um menino e uma menina em nossa sociedade, limitando e até impedindo que sejam criativas, curiosas, autônomas, seguras, que se conheçam e que conheçam e reconheçam o outro como ele é, e não como imaginamos que ele seja.

Esta foi apenas uma pequena tentativa de apresentar as crianças da turma do Sapo Cuidadoso que somos todos muito diferentes, mas que podemos gostar das mesmas coisas, mesmo que de formas diferentes.

É uma proposta que deve ser levada para a escola e ser trabalhada com todos os envolvidos neste espaço: pais, alunos, professores, funcionários. Desconstruir e desnaturalizar a ideia de que há apenas uma maneira de ser menina e outra de ser menino no mundo e construir a ideia de que todos podem ser felizes, cada qual do seu jeito.

11 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELO HORIZONTE. *Projeto político pedagógico* – Escola Municipal Míriam Brandão. 2011.

BRENMAN, Ilan. *O que os meninos fazem? O que as meninas fazem?* 2.ed. São Paulo: Callis, 2009.

DEBORTOLI, José Alfredo. Educação Infantil e conhecimento escolar: reflexões sobre a presença do brincar na educação de crianças pequenas. In: CARVALHO, Alysso; SALLES, Fátima; GUIMARÃES, Marília; DEBORTOLI, José Alfredo (Org.). *Brincar(es)*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Pró-Reitoria de Extensão/UFMG, 2005. p. 65-80.

DINIZ, Margareth. VASCONCELOS, Renata Nunes. MIRANDA, Shirley Aparecida. O que produz o silenciamento das mulheres no magistério? In: DINIZ, Margareth. VASCONCELOS, Renata Nunes. (org.). *Pluralidade cultural e inclusão na formação de professores: gênero, sexualidade, raça, educação especial, educação indígena, educação de jovens e adultos*. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2004. p. 22-48.

FRIEDMANN, Adriana. *O brincar na educação infantil: observação, adequação e inclusão*. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2012.

GUERRA, Rosângela. *Sexualidade e gênero*. Presença Pedagógica, Belo Horizonte, v.20, n.118, p. 5-13, jul/ago 2014.

Lei 8679 de 11 de novembro de 2003. <http://cm-belo-horizonte.jusbrasil.com.br/legislacao/236625/lei-8679-03>, acessado em dezembro de 2014.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MICHAELIS, Ana; TUAN, Roseli. *Bichos do Jardim*. 2.ed. São Paulo: Callis, 2011.

PEREIRA, Eugenio Tadeu. Brincar e criança. In: CARVALHO, Alysso; SALLES, Fátima; GUIMARÃES, Marília; DEBORTOLI, José Alfredo (Org.). *Brincar(es)*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Pró-Reitoria de Extensão/UFMG, 2005. p. 17-26.

Poder. In: *Melhoramentos dicionário língua portuguesa*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009.

SOARES, Claudia C.; ALVES, Cláudio E. R.; SOUZA, Magner Miranda de. *Relações de gênero na educação infantil*. Presença Pedagógica, Belo Horizonte, v.20, n.119, p. 42-48, set/out 2014.